

A dessacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: reflexões a partir dos conceitos *desejo mimético* e *bode expiatório* em René Girard – desafios para a educação teológica latino-americana

The unsacralization of violence against women on the altar of patriarchy: reflections from the concepts of *mimetic desire* and *scapegoat* in René Girard – challenges for Latin American theological education

*Abdruschin Schaeffer Rocha*¹

*Claudete Beise Ulrich*²

RESUMO

O presente texto reflete sobre a dessacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado a partir dos conceitos *desejo mimético* e *bode expiatório*, expressos no pensamento de René Girard, na relação entre religião e violência. Ele não tratou, especificamente, em seus textos sobre a violência de gênero. No entanto, os conceitos por ele refletidos sobre desejo mimético e bode expiatório podem ser referenciais para entender a sacralização da violência contra as mulheres na sociedade

¹ Doutor em Teologia pela PUC – RJ. Professor da Graduação em Teologia e no Programa de Pós-graduação Mestrado em Ciências das Religiões na Faculdade Unida-Vitória-ES.

² Doutora em Teologia pelas Faculdades EST e com pós-doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Graduação em Teologia e no Programa de Pós-graduação Mestrado em Ciências das Religiões na Faculdade Unida-Vitória-ES.

patriarcal e machista brasileira. Uma forma de superar a perspectiva de *bode expiatório*, a partir do cristianismo, pode ser a releitura bíblica a partir das vítimas, das mulheres violentadas, buscando desconstruir o sistema religioso, machista e patriarcal. Neste sentido, a educação teológica, com referenciais analíticos de gênero na interseção com etnia/raça, classe social, geração e perspectiva feminista, torna-se fundamental no processo de desconstrução de leituras, discursos, práticas religiosas patriarcais, machistas violentas que promovem o desejo concorrente e a criação de bodes expiatórios.

PALAVRAS-CHAVE

Religião, violência, bode expiatórios, desejo mimético, educação teológica.

ABSTRACT

The present text reflects on the unsacralization of violence against women on the altar of patriarchy, based on the concepts mimetic desire and scapegoat, expressed in the thought of René Girard, in the relationship between religion and violence. He did not specifically address his writings on gender violence. However, the concepts he reflects on mimetic desire and scapegoat may be benchmarks for understanding the sacralization of violence against women in Brazilian patriarchal and macho society. One way to overcome the scapegoat perspective, starting with Christianity, may be to read the Bible from the victims perspective, from women who have been violated, seeking to deconstruct the religious, macho and patriarchal system. In this sense, theological education, with analytical gender references at the intersection with ethnicity/race, social class, generation and feminist perspective, becomes fundamental in the process of deconstruction of readings, discourses, patriarchal religious practices, violent sexists that promote desire competitor and the creation of scapegoats.

KEYWORDS

Religion, violence, scapegoats, mimetic desire, theological education.

Introdução

O presente texto reflete sobre a dessacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: a partir dos conceitos *desejo mimético* e *bode expiatório* em René Girard. Em suas obras sobre religião e violência, Girard se refere ao desejo mimético, que cria a concorrência, e ao processo de eliminação da vítima, utilizando o conceito bode expiatório. O altar do patriarcado, fortalecido pela cultura machista se fortalece com a violência contra as mulheres e a morte das mesmas, o feminicídio. O patriarcado se reforça a partir das instituições da família, da religião e do estado, que fortalecem a desigualdade de gênero, justificando a violência, a partir do domínio masculino. O autor afirma que o desejo mimético está baseado na concorrência, na inveja entre duas ou mais pessoas, e a violência gerada por essa mimese se dissipa nas sociedades, desde as mais remotas até as mais contemporâneas. Para resolver o problema da mesma, criam-se bodes expiatórios, que são aqueles indivíduos que foram expulsos do convívio pessoal ou societário. No entanto, isto não resolve o problema da violência, pois sempre de novo aparecem outros desejos conflituosos concorrentes, criando novos bodes expiatórios. Girard aponta para a possibilidade de o desejo tornar-se cooperativo, conduzindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Neste sentido, a educação teológica torna-se um importante referencial para desconstruir discursos religiosos machistas, misóginos e patriarcais, a partir da perspectiva da teologia feminista e de teologias contextuais. Portanto, percebe-se que algumas igrejas se utilizam de discursos, aparentemente modernos, mas que reforçam o papel da mulher como auxiliadora, cuidadora e esposa, reforçando o papel subalterno da mulher no matrimônio e na maternidade. Ou seja, o discurso da mulher virtuosa, interpretado a partir de Provérbios 31, afirmando a mulher virtuosa, reproduz essa subserviência da mulher em nome da manutenção da chamada família tradicional.

O presente artigo está dividido em três partes. No primeiro momento, reflete-se sobre o altar do patriarcado: violência contra as mulheres e feminicídio, apontando para dados alarmantes da violência de gênero e do feminicídio na realidade brasileira. O patriarcado se reconstitui com a violência contra as mulheres. O “altar” do patriarcado recebe a oferta

que são as mulheres vítimas das mais diferentes violências e o feminicídio, que é a morte de muitas delas. Os discursos religiosos misóginos, machistas e patriarcais, a partir da leitura de textos bíblicos, reforçam o papel tradicional da mulher. A segunda parte do texto se concentra nos conceitos de “desejo mimético” e “bode expiatório”, propostos por Girard. A terceira parte, finalmente, aponta para a possibilidade de que a construção dos desejos não estejam em competição, mas em cooperação, possibilitando a construção de uma sociedade sem bodes expiatórios. Neste sentido, a educação teológica, com referenciais analíticos de gênero na interseção com etnia/raça, classe social, geração e perspectiva feminista, torna-se fundamental no processo de desconstrução de leituras, discursos, práticas religiosas patriarcais, machistas violentas que promovem o desejo concorrente e a criação de bodes expiatórios.

Altar do patriarcado: violência contra as mulheres e feminicídio

A sociedade brasileira é marcada por um forte sistema patriarcal e uma cultura machista, misógina que demarca as relações de poder entre homens e mulheres³. O alto índice de violência contra as mulheres e inclusive a morte das mesmas é resultado, portanto, de uma sociedade que exalta o masculino (homem-macho) em detrimento do feminino (mulher-submissa)⁴. Na década de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a violência contra as mulheres como uma questão de saúde pública⁵. A OMS “define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento,

³ Cf. CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde*. N. 11. Brasília: IPEA, março de 2014. p. 2-4. Disponível em: <https://bit.ly/1gaW4C9>. Acesso em 20 mar. 2018.

⁴ Cf. WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Flacso/OPAS-OMS/ONU Mulheres/SPM, 2015 Disponível em: <https://bit.ly/2LixlmB>. Acesso em: 20 abr. 2018. Veja também: *O Dossiê Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <https://bit.ly/2KESRRh>. Acesso em: 20 abr. 2018.

⁵ DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11(Sup): 1163-1178, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2ITw8Uq>. Acesso em 20 mar. 2018.

morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.”⁶ Percebe-se que além do uso da força física foi incluída “a palavra poder, em ameaça ou na prática” para definir e ampliar o conceito de violência. Dahlberg e Krug apontam para a importância da ampliação do conceito de violência:

[...] a definição dada pela OMS associa intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido.[...] A inclusão da palavra “poder”, completando a frase “uso de força física”, amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. O “uso de poder” também leva a incluir a negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos mais óbvios de execução propriamente dita. Assim, o conceito de “uso de força física ou poder” deve incluir negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos auto-infligidos. Esta definição cobre uma ampla gama de resultados, incluindo injúria psicológica, privação e desenvolvimento precário⁷.

Percebe-se, portanto, uma ampliação do conceito de violência, também presente na Lei Maria da Penha de 11.340/2006⁸ e a Lei 13.104/2015⁹, que alterou o art. 121 do Código Penal, tipificando o homicídio de mulheres praticado em razão de seu gênero como feminicídio. A lei Maria da Penha aponta para várias formas da manifestação da violência: física, sexual, patrimonial, econômica, moral. A violência doméstica é aquela que ocorre entre membros de uma mesma família. Nos termos da lei, a violência doméstica e familiar contra a mulher é reconhecida através das seguintes formas:

⁶ WORLD Health Organization. *Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority*. Geneva: WHO, 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2) apud DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1165.

⁷ DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1165

⁸ BRASIL. *Lei nº 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: <https://bit.ly/1lyrVDL>. Acesso em 20 mar. 2018.

⁹ BRASIL. *Lei nº 13.104*, de 9 de março de 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Fl1fYj>. Acesso em 23 mar. 2018.

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades¹⁰.

De acordo com os dados compilados no Dossiê Violência contra as mulheres, do Instituto Patrícia Galvão, no Brasil, o cronômetro da violência contra as mulheres no Brasil aponta que “acontece um 1 estupro a cada 11 minutos, 1 mulher é assassinada a cada 2 horas, 503 mulheres são vítimas de agressão a cada 1 hora, 5 espancamentos a cada 2 horas”¹¹.

¹⁰ BRASIL. *Lei no 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/1lyrVDL>. Acesso em 20 mar. 2018.

¹¹ CERQUEIRA, Daniel; LIMA, Renato Sergio de; BUENO, Samira; VALENCIA, Luis Iván; HANASHIRO, Olaya; MACHADO, Pedro Henrique G.; LIMA, Adriana

Fundamental é entender as causas da violência contra as mulheres no Brasil, que além da questão gênero¹², ainda se agrava quando ligada com outros marcadores sociais, como etnia/raça, classe social, orientação sexual, geração, entre outros. Neste sentido, o Dossiê aponta que no Brasil:

O quadro se agrava diante de um histórico de colonização e desenvolvimento econômico estruturalmente baseado em relações racializadas – o Brasil está há 127 anos fora do regime escravista, contra 388 anos sob a escravidão legal. Passou, ainda, por duas Ditaduras somente no período republicano, em que a violência, inclusive contra as mulheres, foi institucionalizada¹³.

Isto significa que as mulheres negras e indígenas sofrem ainda mais violência que as mulheres brancas. A violência também tem cor no Brasil. Portanto, é necessário buscar entender as raízes históricas, culturais e sociais da violência. É necessário desnaturalizar a violência dos homens contra as mulheres. Esta é uma construção histórica, fortalecida pela exaltação do macho, o que Pierre Bourdieu chamou de dominação masculina¹⁴. O Dossiê Cultura e Raízes da Violência contra as mulheres, da Agência Patricia Galvão, afirma:

É importante, assim, entender o papel que as masculinidades (ou diversos comportamentos tidos como “naturais” entre os homens) e

dos Santos. *Atlas da Violência*. Rio de Janeiro, junho de 2017. p.36-42. Disponível em: <https://bit.ly/2E0IUii>. Acesso em 20 mar. 2018. Veja também: DOSSIÊ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *Cultura e Raízes da Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <https://bit.ly/2s3NiEp> Acesso em: 15 mar. 2018

¹² ULRICH, Claudete Beise. Relações de Gênero. In: IECLB: Estudos sobre Gênero. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013. p. 9. “Segundo os estudos das ciências humanas e sociais, o conceito de “relações de gênero” se refere à construção sócio-histórico-cultural do sexo anatômico e foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social. Isto significa, concretamente, que, na espécie humana, há machos e fêmeas, porém, a maneira de ser homem e de ser mulher é determinada pelo contexto histórico-cultural. Assim, gênero aponta para o fato de que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia dos seus corpos.”

¹³ DOSSIÊ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *Cultura e Raízes da Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <https://bit.ly/2s3NiEp>. Acesso em: 15 mar. 2018

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 3. ed. São Paulo: Bertrand, 2003.

feminilidades (padrões instituídos como “inatos” das mulheres) cumprem na reprodução da violência. Pois, embora sejam internalizadas em nós desde que nascemos, as normas sociais mudam historicamente, portanto, podem e devem ser questionadas se trazem resultados negativos¹⁵.

Neste sentido, é necessário questionar as raízes da violência, como construções sócio-histórico-culturais, que podem ser transformadas. De acordo com a filósofa Márcia Tiburi:

A questão da violência doméstica é até hoje uma das principais bandeiras dos movimentos feministas. A violência contra as mulheres, é, principalmente, violência doméstica, mas não só. A desigualdade do trabalho doméstico, o papel da maternidade e toda uma lógica do próprio casamento como submissão da mulher ao homem têm muito de um tipo de violência, que é a simbólica¹⁶.

É importante também perceber como a religião reforça os papéis naturalizados de homens e mulheres, através de leituras bíblicas fundamentalistas, isto é, sem uma profunda exegese dos textos e discursos religiosos. É isso que se denomina de violência religiosa e/ou violência simbólica, conforme Bourdieu¹⁷.

Fazemos aqui menção, especialmente, a textos que circulam entre as igrejas de tradição carismática (católicas e evangélicas), baseado no texto de Provérbios 31.10-31, que naturalizam o papel das mulheres, colocando em oposição a mulher virtuosa e a mulher soberba¹⁸. A interpretação

¹⁵ DOSSIÊ AGENCIA PATRICIA GALVÃO. *Cultura e Raízes da Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <https://bit.ly/2s3NiEp>. Acesso em: 15 mar. 2018.

¹⁶ TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 106.

¹⁷ BOURDIEU, 2003, p. 45.

¹⁸ Com discursos parecidos, a história cristã colocou em oposição Eva e Maria. Eva sendo a culpada pelo pecado da humanidade e Maria, a partir da maternidade, mãe de Jesus a que redime a humanidade. Atualmente com a pretensão de discursos mais modernos utiliza-se novamente dois discursos opostos de mulheres: virtuosa e soberba. Sobre Eva e Maria veja: JARSCHER, Haidi Jarschel, NANJARÍ, Cecília Castillo Nanjarí. *Religião e violência simbólica contra as mulheres. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, p. 4, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2IGSntx>. Acesso em 20 mar. 2018.

desse texto, feito geralmente por pastoras e lideranças femininas, pode ser vista e lida em vários sites de diferentes igrejas¹⁹. Há também hinos e músicas que exaltam a mulher virtuosa²⁰. O discurso exalta a mulher virtuosa, sendo a mulher que está aí para a família, auxiliadora do marido, cuidadora dos filhos e filhas e, além disso, empreendedora, que traz também dinheiro para dentro de casa. No entanto, estes discursos religiosos não tocam na luta por direitos das mulheres. Reforça-se com este tipo de discurso, estereótipos de gênero, afirmando as mulheres e os homens em seus papéis tradicionais. O discurso apresenta uma nova roupagem, o da mulher empreendedora²¹, dando ares modernos, mas reforçam os papéis tradicionais das mulheres, dos homens, afirmando os valores da família tradicional. As mulheres que não se encaixam dentro deste modelo, são consideradas soberbas, poderíamos dizer que se tornam os bodes expiatórios dos problemas que se relacionam à família e ao casamento, baseado nas relações da heteronormatividade²².

Heleieth Saffioti afirma que a violência de gênero “não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino”²³. As mulheres aceitam pacificamente estes discursos e não os percebem enquanto violências, mas sim os entendem enquanto

¹⁹ Veja, por exemplo: *Entenda o que é uma mulher virtuosa segundo a Bíblia*. Disponível em: <https://bit.ly/2IY0mG6>. Acesso em: 20 abr. 2018. Características de algumas mulheres virtuosas da Bíblia. Disponível em: <https://bit.ly/2x3F3hj>. Acesso em: 20 abr. 2018. Há cursos de lideranças para mulheres virtuosas. Veja a reportagem da gazeta: <https://bit.ly/2IZ46ak>.

²⁰ Veja por exemplo Mulher Virtuosa. Mulher Virtuosa – Coral USADEMJA – Assembleia de Deus. Disponível em: <https://bit.ly/2LmL9N9>. Acesso em: 20 abr. 2018.

²¹ Há vários blogs e sites que reforçam a mulher virtuosa como empreendedora. Veja, por exemplo: Estudo: Tema: O perfil da mulher virtuosa. Disponível em: <https://bit.ly/2IHXMqw>.

²² PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 195. jan./jul. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2H-cbbnP>. Acesso em: 22 abr. 2018. “A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho.”

²³ SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 85.

mandatos divinos, aos quais necessitam se submeter, pois elas querem servir a Deus e acabam assumindo papéis tradicionais em ser mulher. Como afirma Bourdieu, o discurso que afirma a mulher como feminina aponta para relações de poder:

Ser ‘feminina’ é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é ‘muito feminina’ não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder. [...]

Enquanto que, para os homens, a aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas, ornamentos, uniformes, etc.), nas mulheres, eles tendem a exaltá-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução. [...]

São também elas que assumem o cuidado e a preocupação com a decoração da vida cotidiana, da casa e de sua decoração interior [...]

Direcionadas à gestão do capital simbólico das famílias, as mulheres são logicamente levadas a transportar este papel para dentro da empresa [...] e também a gestão dos grandes rituais burocráticos que, tais como os rituais domésticos, contribuem para a manutenção e o aumento do capital social de relações e do capital simbólico da empresa²⁴.

O discurso religioso de igrejas com perfil carismático pentecostal, portanto, parece apresentar um modelo moderno em ser mulher, mas reforça o modelo tradicional da família e do papel da mulher como mãe, esposa, auxiliadora e cuidadora, fortalecendo as relações patriarcais²⁵. Além disso, esse discurso é reforçado também na compreensão de que a mulher virtuosa age pela sensibilidade, movida pelo coração. Enquanto que a mulher soberba é aquela que também pensa e cuida de si mesma, movida também pela razão. É uma mulher autônoma, que também diz a sua própria palavra, que não se cala.

²⁴ BOURDIEU, 2003, p. 118-119.

²⁵ Veja por exemplo os artigos de SOUZA, Alana Sá Leitão. O Godllywood e a ‘mulher virtuosa’ na IURD. *REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 4, volume 4(2):24-38, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2sTXeg5>. Acesso em: 20 mar. 2018. MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. A Dinâmica das relações de gênero e a produção da mulher virtuosa no pentecostalismo evangélico. Disponível em: <https://bit.ly/2Lpbb2n>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Este tipo de discurso religioso que contrapõe dois tipos de mulheres (virtuosa x soberba) gera competição entre as mulheres, reforça o altar do patriarcalismo e da cultura machista. As mulheres que buscam outros caminhos além das receitas apresentadas por esse tipo de discurso religioso são vistas como soberbas, orgulhosas e são colocadas como maus exemplos. Temos nesses discursos exemplos de violências simbólica e religiosa, pois reforçam o padrão patriarcal, isto é, o papel tradicional da mulher.

Interessante também perceber que nesses discursos religiosos da mulher virtuosa não são apresentados temas que envolvam as violências sofridas pelas mulheres, como, por exemplo, a violência doméstica. Bourdieu lembra que a dominação masculina perpetua-se, pois a família, que é principal guardiã do capital simbólico, recebe apoio das Igrejas e do Direito²⁶ – como foi possível perceber, a lei Maria da Penha é de 2006 e a do Femicídio é de 2015.

Reflexões a partir dos conceitos de “desejo mimético” e de “bode expiatório” em René Girard

De acordo com Andrade, pesquisador venezuelano e biógrafo de Girard, três grandes ideias perpassam a obra de René Girard²⁷:

1) Nós, seres humanos, desejamos ficar imitando os demais, e isso gera rivalidades e violência. 2) A violência produzida pelo desejo mimético é tradicionalmente resolvida com o mecanismo do bode expiatório: a coletividade em crise projeta sua violência contra um agente

²⁶ BOURDIEU, 2003, p. 115.

²⁷ René Noël Théophile Girard nasceu em Avignon, em 25 de dezembro de 1923 e faleceu em 4 de novembro de 2015 em Stanford, Califórnia, EUA. Ele estudou filosofia em Avignon. Aprofundou os estudos na área de história, como arquivista paleógrafo na École Nationale des Chartes, Paris, 1947, com a tese: “A vida privada em Avignon na segunda metade do século XV”. Doutorou-se em história na Indiana University, USA, em 1950, com a tese: “França na opinião dos norte americanos, 1940-1943”. Sua carreira profissional, como professor, ficou ligada, basicamente, às universidades americanas GRAZIOSI, Carmo. *René Girard*. Disponível em: <https://bit.ly/2IGK6Wo> /. Acesso em: 20 mar. 2018.

em particular e, uma vez que este foi eliminado ou expulso, se alcança a paz social. Este mecanismo, sustenta Girard, é a base da vida cultural; mas, para poder funcionar, o mecanismo deve ser inconsciente. Isso se costuma obter apresentando crônicas distorcidas que narram a história original a partir da perspectiva dos agressores: desse modo, não se adquire consciência de que se está projetando violência sobre uma vítima inocente. 3) A Bíblia, diversamente dos mitos, apresenta as histórias sobre violência a partir da perspectiva das vítimas. E, ao fazer isso, a Bíblia torna ineficaz o mecanismo do bode expiatório²⁸.

É importante esclarecer que ele não tratou especificamente sobre a violência de gênero ou sobre a violência contra as mulheres. No entanto, os conceitos trabalhados pelo autor apresentam luzes para entender a violência existente nos relacionamentos humanos, que também envolvem a violência contra as mulheres. Girard aponta também para a importância da leitura da Bíblia a partir da perspectiva das vítimas, desfazendo o mecanismo do bode expiatório.

Um dos principais conceitos de Girard e que orientou boa parte de sua obra, tem sido conhecido como “teoria do desejo mimético”²⁹. É significativo que Girard busque na literatura as fontes para uma compreensão mais ampla do desejo mimético, afinal, para ele, trata-se da área que melhor nos aproximaria das emoções e desejos humanos. Segundo a teoria do desejo mimético, a relação entre o sujeito e o objeto de seu desejo não se dá diretamente, mas de forma triangular, porquanto passa pelo desejo de um outro, ou seja, o desejo não é suscitado pelo objeto, mas pelo fato de que outro o deseja.

A teoria girardiana surge como uma alternativa tanto ao realismo quanto ao idealismo: no contexto do realismo alguém amaria por que o

²⁸ ANDRADE, Gabriel entrevistado por Márcia Junges. Trad. Benno Dischinger. *O desafio de ser girardiano*. <https://bit.ly/2x2S76F>. Acesso em: 20 mar. 2018.

²⁹ “O mimetismo do desejo infantil é universalmente reconhecido. O desejo adulto não tem nada de diferente, a não ser talvez pelo fato de que o adulto, especialmente, em nosso contexto cultural, tem muitas vezes vergonha de modelar-se a partir de outrem; ele tem medo de revelar sua falta de ser. Declara-se altivamente satisfeito com ele mesmo, apresenta-se como modelo aos outros. Todos dizem: ‘Imitem-me’, a fim de dissimular sua própria imitação” (GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 184).

objeto desejado é amável, ou seja, possui qualidades que tornam inevitável o amor do sujeito; no contexto do idealismo alguém amaria o objeto de seu desejo porque tal motivação reside no próprio sujeito e em suas projeções. Em ambos os casos, o desejo é identificado como sendo algo inerente ao ser humano no sentido de uma *falta*, lugar-comum na maioria das teorias do desejo cuja estruturação é binária³⁰.

A teoria girardiana se distingue tanto do realismo quanto do idealismo, já que essa perspectiva um determinado sujeito desejaria seu objeto, não por ser este desejável, ou mesmo por que a força que motiva o desejo provém do sujeito, mas por que o objeto em questão também é objeto do desejo de outro. Ou seja, nesse caso, a relação entre sujeito e objeto é mediatizada por outro sujeito. Há uma renúncia da primazia tanto do sujeito quanto do objeto para se afirmar a primazia do rival. A rivalidade, então, instala-se na medida em que os dois desejos convergem para o mesmo objeto e que, portanto, cada desejo se constitui a imitação do outro.³¹ Para Girard, as pessoas são guiadas instintivamente por um mimetismo que desencadeia “comportamentos de apropriação mimética”³², e são tais comportamentos os responsáveis por gerar esses conflitos. O que inaugura e deflagra a violência, então, é esse desejo que se manifesta enquanto drama existencial jogado a três.

Por outro lado, essa relação mimética que é caracterizada pelo conflito entre sujeitos e a consequente violência gerada faz emergir outro importante elemento na teoria girardiana, que é a solução ao conflito instaurado pelo desejo mimético: o chamado mecanismo do bode expiatório, ou seja, uma espécie de solução coletiva que surge para a perpetuação da sociedade. Nessa solução, estabelece-se a relação do tipo “todos

³⁰ Para Girard, o desejo não é algo inato, não é animal. Além disso, segundo ele, não sabemos nem mesmo se o desejo é intrinsecamente humano, afinal, se em alguns momentos ele parece humano, em outros parece intensamente desumano. Para ele, o que se pode falar sobre o desejo é que nasce da contemplação de outra pessoa (modelo) que está desejando algo.

³¹ Para Girard, entretanto, embora o ser humano deseje intensamente — uma vez que os desejos primários já estejam satisfeitos —, ele não sabe exatamente o que deseja. Não é o objeto que, por suas propriedades, suscita o desejo do sujeito, afinal, é fundamental que o outro lhe diga o que é necessário desejar a fim de que o sujeito adquira o seu objeto mimeticamente desejado (GIRARD, 2008, p. 185.).

³² GIRARD, 2008, p. 187

contra um”. É digno de nota que aquele contra o qual se insurge a coletividade é um membro da comunidade que fora por ela expulso. Nas sociedades tradicionais, segundo Girard, tal indivíduo é considerado tanto a origem da violência quanto a sua solução. A violência, nesse caso, é vista como um componente presente nas sociedades humanas que, por meio do sacrifício de vítimas expiatórias, deve ser recorrentemente contido e afastado. Portanto, é inevitável que se recorra à violência para liquidá-la, e exatamente por isso que ela é interminável, na teoria girardiana.

“A violência é de todos e está em todos”. Na perspectiva de Girard, é desse processo que se origina o sagrado, afinal, a vítima separada da comunidade também é divinizada. Nesse caso, o sacrifício é ambivalente, na medida em que se apresenta tanto como “algo muito sagrado”, quanto como uma espécie de crime. Sacrifício e assassinato, portanto, guardam uma relação de parentesco³³. Vê-se, portanto, que o sacrifício torna necessária a aniquilação da vítima. Mas a aniquilação transfigura-se em sacrifício na medida em que “engendra algo de sagrado”, sobretudo quando se considera que expressão deriva dos termos *sacrum e facere*, que significam “tornar sagrado”. A ambiguidade ontológica derivada da ambiguidade terminológica mostra que o “ato sacrificial violento gera uma experiência de sacralização”³⁴. É exatamente no sacrifício que a violência é sacralizada. A violência, nesse sentido, além de legítima, torna-se necessária, afinal, só “é possível ludibriar a violência fornecendo-lhe uma válvula de escape, algo para devorar”³⁵.

Entretanto, deve-se ressaltar que tanto o sagrado quanto a cultura e sociedade surgem originariamente do ato de violência, pela aniquilação do bode expiatório, afinal, tem-se que a imolação do bode expiatório é evento fundante na medida em que somente por meio dele uma sociedade é possível — somente quando todos se unem de forma violenta contra a vítima, cria-se a comunidade³⁶.

Girard se mostra reticente quanto a considerar o desejo como constitutivo do ser humano. Entretanto, por outro lado, admite-o como constitutivo

³³ GIRARD, 2008, p. 11-12.

³⁴ BASTOS, Aguinaldo; CABRAL, Alexandre Marques; REZENDE, Jonas Neves. *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 152.

³⁵ GIRARD, 2008, p. 15.

³⁶ BASTOS; CABRAL; REZENDE, 2010, p. 165

da sociabilidade humana. E se se considera a sociabilidade como constitutiva do humano — lugar-comum nas antropologias contemporâneas —, então deve-se admitir, no mínimo, que a gênese da violência deve ser buscada no âmago da existência humana, e não propriamente na essência da religião — como inferido por muitos —, sobretudo, quando consideramos que mesmo esta é consequência daquela.

Ainda segundo Girard, há duas grandes aproximações modernas à violência:

A primeira é política e filosófica, ela considera o homem naturalmente bom e atribui tudo o que contradiz esse postulado às imperfeições da sociedade, à opressão das classes populares pelas classes dirigentes.

A segunda é biológica. No seio da vida animal, que é naturalmente pacífica, apenas a espécie humana é verdadeiramente capaz de violência. Freud falava de uma pulsão de morte. Atualmente, procuram-se os genes da ‘agressividade’.

Essas duas aproximações permaneceram estéreis. Há anos venho propondo uma terceira, que é ao mesmo tempo muito nova e muito antiga. Quando falo dela, desperto certo interesse. Imediatamente, substituído pelo ceticismo quando pronuncio a palavra-chave de minha hipótese: *imitação*. [...]

É a rivalidade mimética, que pode alcançar um nível de intensidade extraordinário. Ela é responsável pela frequência e intensidade dos conflitos humanos, mas estranhamente, ninguém fala dela. Ela faz tudo para se dissimular, até aos dos principais interessados, e geralmente o conseguem³⁷.

Portanto, Girard coloca a rivalidade mimética com uma das causas da violência, sendo esta uma característica humana. Portanto, pergunta-se: para Girard, o que é o sacrifício de Cristo?

Para compreendê-lo, é preciso partir do começo, ou seja, do que Jesus propõe aos homens para escaparem à violência. Ele os convida a cortar pela raiz as rivalidades miméticas. Cada vez que o próximo

³⁷ GIRARD, René. *Aquele por quem o escândalo vem*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 33-34.

nos confrontar com exigências excessivas, ou que nos pareçam tais, em vez de pagar na mesma moeda, é preciso deixar para o rival potencial o objeto do litígio, é preciso evitar desencadear a escalada de violência que conduz direto aos bodes expiatórios.

Essa é a regra única do Reino. E Jesus permanece fiel a ela até o fim num mundo que não tem cura. Ele se encontra sozinho contra todos. A violência dos homens se volta contra aquele que a denuncia. Sua Palavra revela cada vez mais a verdade oculta da cultura humana, o papel fundador e ordenador dos bodes expiatórios³⁸.

Portanto, é necessário vencer a sociedade arcaica que produz bodes expiatórios e vivenciar a mensagem cristã, evangélica, libertadora; vivenciar, portanto, “um cristianismo não sacrificial, o único autêntico em face de todas as doutrinas que mascaram a violência humana [...]”³⁹. Em Cristo é possível renunciar a toda espécie de violência, e é fundamental que essa mensagem seja recuperada pelos diferentes cristianismos em terras brasileiras. No momento em que o desejo deixa de ser concorrente e se torna cooperativo, há esperança de mudanças, pois as relações poderão se nortear pelo diálogo e pelo respeito mútuo, e já não será mais necessário bodes expiatórios.

Violências contra as mulheres, Girard e a educação teológica

Como se refletiu na primeira parte do artigo, as violências contra as mulheres no Brasil são terríveis e assustadoras. Ela perpassa todas as classes sociais, raças/etnias, idades e também não poupa mulheres cristãs, legitimada como se viu por discursos religiosos. Wanda Deifelt:

O discurso religioso funciona como regulador das condutas sociais, disciplinando seus fiéis e criando um ideário que mantém uma determinada ordem social (tida como normativa). A consequência ética é que, ao invés de focalizar no terreno (o aqui e agora), a teologia se preocupa com a salvação da alma. Esta dicotomia entre matéria e

³⁸ GIRARD, 2011, p. 89.

³⁹ GIRARD, 2011, p. 92.

espírito leva a um descaso com o sofrimento humano e fomenta uma espiritualidade escapista.

Para as mulheres, o discurso religioso manteve o essencialismo (a natureza feminina e tudo o que lhe cabe), mas permitiu uma identificação direta com o sofrimento de Cristo. Esta identificação dos sofrimentos pessoais com os de Cristo oferece uma possibilidade problemática de redenção. Ao tentar resistir ou denunciar sofrimento, as mulheres são lembradas, pelo ideário religioso, que este sofrimento é punição pelas faltas cometidas (ser filha de Eva, segunda na ordem da criação, mas primeira a pecar, ou por não corresponder à expectativa cultural). Identificadas como seres sexuais, pecaminosas e sedutoras, as mulheres alcançam a salvação através do sacrifício e da sexualidade que visa única e exclusivamente à procriação⁴⁰.

A violência contra as mulheres é reforçada pelo discurso religioso que é entendido como norma, “verdade”, fortalecendo a violência simbólica e religiosa. O discurso religioso fortalece a oposição/concorrência entre ser mulher, que reporta ao discurso dualista/binário (Eva ou Maria; mulher soberba ou mulher virtuosa) fortalecendo e legitimando, assim, a violência patriarcal e machista. Os discursos das igrejas pentecostais carismáticas, como se viu, não utilizam as imagens de Eva e Maria, no entanto, o discurso religioso da mulher virtuosa, recoloca a mulher como bela recatada e do lar. No entanto, Ivone Gebara afirma que é necessário e urgente que a mulher diga a sua própria palavra.

Falar em nosso próprio nome significa não esperar que outros expressem o que sentimos e pensamos, ou que outros não decidam em nosso lugar como se fôssemos pouco capazes de fazê-lo. Falar em nosso próprio nome é afirmar a maioria civil, política e religiosa feminina⁴¹.

As mulheres necessitam aprender a dizer a sua palavra e alcançar a maioria, isto é, a cidadania também eclesial. Um elemento importante

⁴⁰ DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violências e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 27-28.

⁴¹ GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 175.

colocado pelas feministas é também o reforço da amizade entre as mulheres, a sororidade, segundo Marcela Lagarde. A sororidade como uma força, uma potencia para superar a concorrência, que os diferentes sistemas sociais, religiosos, econômicos criam entre as próprias mulheres⁴².

Girard coloca o desejo mimético como um dos pontos principais da rivalidade humana, gerando soluções sacrificiais, bodes expiatórios. Ele aponta para Cristo, como forma de romper com a violência. No entanto, a vivência do amor ao próximo muitas vezes é rejeitada. Não se consegue romper com uma sociedade arcaica e prefere-se, sempre de novo, criar bodes expiatórios⁴³.

Portanto, se refletirmos sobre o desejo mimético e a violência contra as mulheres, percebemos que o poder do patriarcado/machismo é conduzido pelo desejo profundo de dominação, dos homens sobre as mulheres, de mulheres e homens que se submetem seus próprios desejos aos desejos do/a outro/a, sendo esta também uma forma da manutenção da violência. Neste sentido também há mulheres que assumem o patriarcado em suas vidas e subjagam outras mulheres e, inclusive, homens. Portanto, o patriarcado é o desejo mimético de manter a dominação masculina, como Bourdieu também refletiu. Há muitas mortes violentas, feminicídios, que em sua base estão homens que buscam manter as mulheres como suas propriedades. Mesmo quando a mulher não quer mais manter o relacionamento, ainda assim se encontra submetida aos desejos do homem. E em muitos casos as relações não se constroem por amor, mas por rivalidade. Muitos homens, mesmo quando traem suas esposas por não mais nutrir por elas o amor e respeito, tornam-se extremamente violentos quando se sentem ameaçados por outros no contexto de um relacionamento já em ruínas. Ou seja, se a mulher inicia um novo

⁴² MOREIRA, Maiara adaptação do texto de RÍOS, Marcela Lagarde y de los. Sororidad. In: GAMBÁ, Susana Beatriz. Diccionario de estudios de género y feminismos. Buenos Aires: 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2kj5NBp>. Acesso em 25 de mar. 2018. “A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e é o esforço tanto pessoal quanto coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres.”

⁴³ FURTADO, Maria Cristina S. Violência de gênero: As excluídas da sociedade. *Sacrilegens* – Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF. Disponível em: <https://bit.ly/2kkRufN>. Acesso em: 22 mar. 2018.

relacionamento com outra pessoa, isso é suficiente para fortalecer o desejo mimético, suscitando a força bruta no homem que se sente ameaçado, o que, não raro, acaba em homicídio (femicídio), caso essa pareça a única forma de impedir que seu desejo não se realize. Há muitas formas do desejo mimético que afirma as relações de poder e a consequente submissão dos mais fracos⁴⁴.

Girard, no entanto, também considera que o desejo pode ser cooperativo e não somente concorrente. Uma forma de superar a perspectiva de bode expiatório, a partir do cristianismo, poderia ser a releitura bíblica a partir da perspectiva das vítimas, das mulheres violentadas, desconstruindo o sistema religioso, machista, misógino e patriarcal. Os textos bíblicos nascem em determinados contextos culturais e históricos. No entanto, embora a perspectiva de leitura apontada Girard pode ser assumida, é necessário ler os textos bíblicos para além do que ele propõe, ou seja, para além da perspectiva das vítimas. É necessário perceber também os agressores e suas histórias. Os agressores nascem e são educados em determinados contextos que os tornam violentos, onde se privilegia o masculino em detrimento do feminino. É necessário dessacralizar, destronar o patriarcado que afirma a violência contra as mulheres, desconstruindo a masculinidade violenta e reconstruindo-a de forma a recuperar sua humanidade.

Neste sentido, a educação teológica, com referenciais analíticos de gênero na interseção com as categorias de classe social, raça/etnia, orientação sexual, geração, fundamentada na perspectiva da teologia feminista, torna-se fundamental no processo de desconstrução de discursos, práticas religiosas machistas, misóginas e patriarcais violentas que promovem o desejo concorrente e a criação de bodes expiatórios. Como afirma Safiotti, é necessário repensar o que significa o amor:

O respeito ao outro constitui o ponto nuclear desta nova concepção de vida em sociedade. Como afirma Saramago, enquanto a religião exige que os seres humanos se amem uns aos outros, o que depende de convivência, uma vez que nem mesmo o amor materno é instintivo (Badinter, 1980), a compreensão dos direitos humanos

⁴⁴ FURTADO, s.d.

impõe que cada *respeite* os demais. Amar o outro não constitui uma obrigação, mesmo porque o amor não nasce de imposição. Respeitar o outro, sim, constitui um dever do cidadão, seja este outro mulher, negro, pobre⁴⁵.

O amor inclui respeito à diferença, sendo este um valor indispensável para a vivência cidadã. O respeito ao/a outro/a constitui a base para se superar o desejo mimético da rivalidade. Romper com o ciclo da violência contra as mulheres e outros grupos marginalizados é um desafio cotidiano, para que isso aconteça é necessário ensaiar diálogos e processos de desconstrução de rivalidades. O processo de aprendizagem um/a do/a outro/a é um caminho para a recuperação da humanidade em cada ser humano.

Em Jesus Cristo temos a imagem de Deus que não tolera sacrifícios e violências. É um Deus que rompe barreiras. A imagem do Cristo que venceu a morte, ressuscitou, restabelece em nós a esperança de um novo ser humano, de um novo céu e uma nova terra. É necessário libertar a imagem de Deus do sacrifício e da violência, afinal, Deus é amor, misericórdia, respeito, solidariedade, justiça. “A humanidade e o planeta Terra estão cansados desse modelo hierárquico masculino de conquista, competição de dominação, que usa a religião patriarcal para legitimar seus objetivos (seus desejos) de lucro e poder”⁴⁶. Como mulheres, também necessitamos romper o desejo mimético, que produz a rivalidade também entre nós mesmas e vivenciar relações de ajuda mútua, solidariedade, acolhimento, partilha, de sororidade, de apoio. É necessário superar o dualismo posto pelos discursos religiosos entre ser mulher virtuosa e mulher soberba, ser Eva ou Maria. As mulheres não querem nenhum modelo. As mulheres querem ter o direito de ser como elas são: mulheres, seres humanas.

A educação teológica contextual latino-americana necessita apontar para novas possibilidades da vida humana, superando a competição entre os grupos religiosos. Necessita apontar para novas possibilidades hermenêuticas, atentas às dores e às alegrias, buscando redescobrir o humano

⁴⁵ SAFFIOTI, 2015, p. 83.

⁴⁶ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 58.

no ser humano, seja mulher ou homem. Na relação com o/a outro/a descobre-se a beleza do inacabamento humano⁴⁷.

Considerações Finais

A violência contra as mulheres é assustadora na realidade brasileira. Ela tem sido reforçada pelos lugares e papéis diferenciados e, muitas vezes, naturalizados de homens e mulheres nas diferentes instituições da vida humana. É um tema que necessita ser tratado em todas as instituições humanas, desconstruindo, com força discursos religiosos que fortalecem a diferença entre os gêneros, ou que criam dualismos entre jeitos e formas de ser do feminino.

Através dos conceitos girardianos do *desejo mimético* e do *bode expiatório* foi possível perceber que o desejo de imitação que produz rivalidade conduz à violência e à morte, fortalecendo uma sociedade baseada em valores arcaicos que ainda hoje produz bodes expiatórios. É urgente libertar a imagem de Deus do sacrifício e da violência, afinal, Deus é amor, misericórdia, respeito, solidariedade, justiça. Neste sentido, a teologia feminista apresenta outras metáforas de Deus, muito mais inclusivas da experiência humana.

Portanto, os temas tratados, neste artigo, são um desafio para a educação teológica latino-americana. Como superar a violência e recuperar a humanidade no próprio ser humano, e a alteridade, a relação com o/a outro/a e com toda a criação? É necessário fortalecer hermenêuticas feministas, contextuais, que apontem para a amorosidade entre os seres humanos e destes com o planeta. É necessário desconstruir discursos religiosos e leituras bíblicas que contribuem para a falta de respeito às diferenças, fortalecendo o crescimento da violência. É necessário dessacralizar, desconstruir o altar do patriarcado, rompendo com justificativas que ocultam a dominação masculina em todas as instituições (família, religião, estado, escola, universidade, entre outras), criando ainda situações de sacrifícios e bodes expiatórios, que se mostram no racismo, sexismo,

⁴⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 55. "Onde há vida, há inacabamento."

machismo, homofobia, feminicídios, entre outras atitudes de violência. É necessário encarar de frente as diferentes situações de violência do cotidiano, que cercam a vida das mulheres, crianças, jovens negros, pessoas LGBTII, entre outras. Esta é uma tarefa fundamental para a educação teológica contextual, feminista e latino-americana, objetivando a construção de uma sociedade sem violência, justa e igualitária.

Referências

- ANDRADE, Gabriel entrevistado por Márcia Junges. Trad. Benno Dischinger. *O desafio de ser girardiano*. http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4447&secao=393. Acesso em: 20 mar. 2018.
- BASTOS, Aguinaldo; CABRAL, Alexandre Marques; REZENDE, Jonas Neves. *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 3. ed. São Paulo: Bertrand, 2003.
- BRASIL. *Lei nº 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 20 mar. 2018.
- BRASIL. *Lei nº 13.104*, de 9 de março de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em 23 mar. 2018.
- CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde*. N. 11. Brasília: IPEA, março de 2014. p. 2-4. Disponível em: <https://bit.ly/1gaW4C9>. Acesso em 20 mar. 2018.
- CERQUEIRA, Daniel; LIMA, Renato Sergio de; BUENO, Samira; VALENCIA, Luis Iván; HANASHIRO, Olaya; MACHADO, Pedro Henrique G.; LIMA, Adriana dos Santos. *Atlas da Violência*. Rio de Janeiro, junho de 2017. p.36-42. Disponível em: <https://bit.ly/2E0IUii>. Acesso em 20 mar. 2018.
- DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(Sup): 1163-1178, 2007.

- Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0>>. Acesso em 20 mar. 2018.
- DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violências e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.
- DOSSIÊ AGÊNCIA PATRICIA GALVÃO. *Cultura e Raízes da Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/> Acesso em: 15 mar. 2018
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURTADO, Maria Cristina S. Violência de gênero: As excluídas da sociedade. *Sacrilegens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF*. Disponível em: <https://bit.ly/2kkRufN>. Acesso em: 22 mar. 2018
- GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GIRARD, René. *Aquele por quem o escândalo vem*. Trad. Carlos Nouguê. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GRAZIOSI, Carmo. *René Girard*. Disponível em: <http://www.acervofilosofico.com/rene-girard/>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- HAAKE, Ione. *Mulheres da Bíblia*. 2011. Disponível em: <<https://virtuosa.wordpress.com/estudo-mulheres-virtuosas-da-biblia/>>. Acesso em: 20 de mar. de 2018.
- JARSCHER, Haidi Jarschel, NANJARÍ, Cecília Castillo Nanjarí. Religião e violência simbólica contra as mulheres. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, p. 1-8, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST62/Jarschel-Nanjari_62.pdf. Acesso em 20 mar. 2018.

- MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. A Dinâmica das relações de gênero e a produção da mulher virtuosa no pentecostalismo evangélico. Disponível em: <https://bit.ly/2Lpbb2n>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- MOREIRA, Maira adaptação do texto de RÍOS, Marcela Lagarde y de los. Sororidad. In: GAMBÁ, Susana Beatriz. Diccionario de estudios de género y feminismos. Buenos Aires: 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2kj5NBp>. Acesso em 25 de mar. 2018.
- PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193-198. jan./jul. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- ROCHA, Abdruschin Schaeffer; OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia da missão e violência: Superar a violência interna e agir energeticamente contra a injustiça. *Rev. Pistis Praxis*, v. 10, n. 1, 144-166, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2GKlr1f>. Acesso em 20. abr. 2018.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SOUZA, Alana Sá Leitão. O Godllywood e a ‘mulher virtuosa’ na IURD. *REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, ano 4, volume 4(2):24-38, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2s7Xeg5>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- ULRICH, Claudete Beise. Relações de Gênero. In: IECLB: Estudos sobre Gênero. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Flacso/OPAS-OMS/ONU Mulheres/SPM, 2015 Disponível em: <https://bit.ly/2LixlmB>. Acesso em: 20 abr. 2018. Veja também: *O Dossiê Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <https://bit.ly/2KESRRh>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- WORLD Health Organization. *Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority*. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).

Submetido em: 30/04/2018

Aceito em: 05/06/2018